

ENTRE TRAJETÓRIAS DE VIDAS NEGRAS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO CAMPO DOS ESTUDOS DO LAZER: UM PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS¹

Adriano Gonçalves da Silva²
Curvelo, MG, Brasil

Lucilene Alencar das Dores³
Contagem, MG, Brasil

Alysson dos Anjos Silva⁴
Lavras, MG, Brasil

Resumo: Partindo da premissa de que o podcast, enquanto linguagem midiática, é uma maneira de divulgar conhecimentos e formar os/as sujeitos/as no âmbito do lazer, o objetivo deste estudo foi analisar a relação das trajetórias de vida de pesquisadoras/es negras/os participantes do podcast 'Papo de Lazer com Angela Bretas' com a sua formação e atuação no campo dos Estudos do Lazer. Para isso, utilizamos como metodologia o levantamento dos episódios que tiveram participantes negras e negros, a escuta dos episódios e a transcrição dos trechos em que as/os participantes narraram experiências de vida em que a questão racial estivesse presente. A formação obtida no contexto acadêmico e das vivências dos sujeitos-corpos negros, perpassando o reconhecimento da negritude e as experiências de lazer, proporciona aos/às profissionais uma atuação politicamente engajada e têm o podcast como um ambiente virtual de encontro. As trajetórias das/os pesquisadoras/es negras/os reafirmam o compromisso com o resgate das histórias e culturas silenciadas e invisibilizadas na academia e denunciam a existência do racismo epistêmico como dívida que necessita de tratamento político e responsável com a história da população negra brasileira.

Palavras Chaves: Lazer. Trajetórias. Negritude.

BETWEEN TRAJECTORIES OF BLACK LIVES AND THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN THE FIELD OF LEISURE STUDIES: A LEISURE TALK WITH ANGELA BRÊTAS

Abstract: Based on the premise that the podcast, as a media language, is a way of disseminating knowledge and training subjects in the field of leisure, the aim of this study was to analyze the relationship between the life trajectories of black researchers, participants of the podcast 'Papo de Lazer com Angela Brêtas' with their training and performance in the field of Leisure Studies. For this, we used as a methodology the survey of episodes that had black participants, the listening of the episodes and transcription of the excerpts in which the

¹ Quilombo é um símbolo atual da luta contra as opressões, estratégia de resistência contra-hegemônica e de coletividade em busca de proteção. Essas premissas são princípios do processo de tornar-se negra/o, sendo assim, podem ser lidas como prática na produção do conhecimento de pesquisadoras/os negras/os. Pensando nisso, em respeito as normativas acadêmicas desse periódico que restringem uma publicação por autor, e em reconhecimento da importância do nosso quilombo, manifestamos que a produção dessa pesquisa contou com a participação e autoria de Danilo da Silva Ramos.

² Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Campus Curvelo. Email: adrigonss@yahoo.com.br

³ Instituto Federal de São Paulo, campus Campos do Jordão (IFSP). Docente do IFSP com afastamento remunerado para participação em programa de pós-graduação stricto sensu (doutorado) e Bolsista CAPES (doutorado). Email: lucilene.pelc@gmail.com

⁴ Professor de Educação Física do Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS); Endereço: Rua Padre José Poggel, 506 - Padre Dehon, Lavras - MG, 37203-593. Email: alysson227@gmail.com

participants narrated life experiences in which the racial issue was present. The training that takes place in the academic context and the experiences of black subject-bodies, permeating the recognition of blackness and leisure experiences, provides the professionals with a politically engaged performance and have the podcast as a virtual environment of encounter. The trajectories of black researchers reaffirm their commitment to rescuing silenced and invisible histories and cultures in academia and denounce the existence of epistemic racism as a debt that requires political and responsible treatment with the history of the Brazilian black population.

Keywords: Leisure. Trajectories. Blackness.

ENTRE TRAYECTORIAS DE VIDAS NEGRAS Y LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO EN EL CAMPO DE LOS ESTUDIOS DEL OCIO: UNA CHARLA DE OCIO CON ANGELA BRÊTAS

Resumen: Partiendo de la premisa de que el podcast, como lenguaje mediático, es una forma de difundir conocimientos y formar sujetos en el campo del ocio, el objetivo de este estudio fue analizar la relación entre las trayectorias de vida de investigadoras/es negras/os participantes del podcast 'Papo de Lazer com Angela Brêtas' con su formación y desempeño en el campo de los Estudios de Ocio. Para ello, se utilizó como metodología el levantamiento de episodios que tuvieron participantes negras y negros, la escucha de los episodios y la transcripción de los extractos en los que los participantes narraron experiencias de vida en las que estuvo presente la cuestión racial. La formación obtenida en el contexto académico y las vivencias de los sujetos-cuerpos negros, permeando el reconocimiento de la negritud y las experiencias de ocio, proporciona a las/os profesionales una actuación políticamente comprometida y tienen el podcast como un medio virtual de encuentro. Las trayectorias de las/os investigadoras/es negras/os reafirman su compromiso con el rescate de historias y culturas silenciadas e invisibilizadas en la academia y denuncian la existencia del racismo epistémico como una deuda que requiere un tratamiento político y responsable con la historia de la población negra brasileña.

Palabras clave: Ocio. Trayectorias. Negritud.

Introdução

Inspirados pela possibilidade do podcast, enquanto linguagem midiática que permite consumir conteúdos de áudios de nosso interesse e ainda, acreditando que essa ferramenta de mídia é uma maneira de divulgar conhecimentos e formar os/as sujeitos/as no âmbito do lazer, nós, pesquisadora negra e pesquisadores negros do campo dos Estudos do Lazer, sentimos a necessidade de refletir criticamente sobre o podcast 'Papo de Lazer com Angela Bretas'. Trata-se de um podcast semanal que apresenta as trajetórias de vida de pesquisadoras/es do campo dos Estudos do Lazer. Ele foi criado e segue sendo apresentado por Angela Bretas, uma mulher negra, pesquisadora e professora que atua na escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No primeiro momento, o podcast nos despertou o interesse por percebemos que em um volume de 101 episódios, existem apenas 11 episódios, o que representa uma média de 11%, de pesquisadoras/es negras/os que narraram nas entrevistas as suas trajetórias de vida,

considerando o marcador social da raça enquanto elemento que atravessou as suas vivências. Esse dado quantitativo pode revelar muito mais do que a ausência de pesquisadoras/es negras/os no campo de Estudos do Lazer, pois em alguma medida, ele explicita a maneira como o racismo invisibiliza as histórias de negras/os na produção de conhecimento acadêmico.

Essa afirmação, apesar de ser de fácil constatação, representa um enorme desafio no referido campo que, assim como nas demais áreas do conhecimento, segue reproduzindo a lógica de hierarquização de saberes em que os temas que abordam os grupos minorizados ocupam a margem da produção acadêmica. Corroboramos com Ribeiro (2020) ao sinalizar que no Brasil,

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente (p. 63).

Compreendemos que o silenciamento da temática da negritude em diálogo com o lazer é multifatorial. Contudo, é necessário reafirmar o lugar ocupado pela colonialidade do saber na estruturação da produção do conhecimento como forma de provocar questionamentos que colaborem para a reversão da situação atual. Afinal, quais são as/os pesquisadoras/es negras/os do campo do lazer que você conhece? Quais as disciplinas no curso de Educação Física que abordam a relação entre lazer e negritude? Você sabe o que o campo dos Estudos do Lazer vem produzindo sobre lazer e negritude? E quais os congressos e grupos de pesquisa que se dedicam a essa temática? As respostas a essas provocações parecem indicar a ausência de corpos negros quando o assunto é o lazer. Mas por que isso ocorre? Seria o lazer um fenômeno pouco ou não experienciado pelas/os negras/os? As reflexões sobre o lazer, como questionado por Dores *et al.* (2021), podem se constituir a despeito das vozes negras e das vivências que perpassam corpos negros? Essa situação visibiliza a existência de uma estrutural racial que distorce a realidade e define quem é digno de ter lugar de fala nas produções acadêmicas.

Outro ponto importante a ser negritado é o reconhecimento de que a produção do conhecimento científico sobre negritude e lazer é espaço aberto às pessoas que têm interesse pelo tema, independentemente da raça/cor autodeclarada. Porém, ao identificarmos o racismo como mecanismo que inviabiliza a produção do conhecimento, é pertinente entendermos que ele dificulta e confunde as pessoas ao ponto de elas inferiorizarem a discussão da negritude. Talvez seja por isso que pesquisadoras/es marcadas/os pela racialidade sentem nas suas trajetórias formativas a necessidade de expressar sua vivência na produção do conhecimento, o que

podemos nomear como escre(vivências) da academia, como nos ensina Conceição Evaristo (2007).

A escre(vivência) como rota de fuga da e para a academia

A academia não é o paraíso.

Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado.

bell hooks (2019)

Entendemos que o projeto colonial de invasão ao Brasil deixou, por meio da colonialidade, marcas profundas que fundam a construção de um imaginário moderno pautado pela existência de um padrão mundial de poder de homem-branco-heterossexual-europeu. Dentro da dimensão epistêmica do poder, existe a colonialidade do saber que “refere-se ao efeito de subalternização, folclorização ou invisibilidade de uma multiplicidade de saberes que não responde às modalidades de produção do 'saber ocidental' associado à ciência convencional e ao discurso especialista” (RESTREPO; ROJAS, 2010, p. 136).

Frente a isso, compreendemos que as narrativas de pesquisadoras/os negras/os presentes no podcast revelam um enfrentamento ao contexto imposto pela colonialidade do saber pois as palavras ditas nas entrevistas contam, a partir da oralidade, as trajetórias de vida da população negra podendo ser consideradas como pequenos fragmentos da produção do conhecimento no campo dos Estudos do Lazer. Essa reflexão dialoga com o pensamento de Conceição Evaristo (2021) que apresenta que “a oralidade é o texto completo, a oralidade é o corpo e não só a palavra.” (n.p.)

Conceição Evaristo é professora, pesquisadora, escritora, romancista, poeta e um grande expoente da literatura contemporânea brasileira, sendo homenageada com o prêmio Jabuti⁵ (2019 e 2015), nos ensina a reconhecer que a escrita é um ato de resistência que busca marcar ou explicitar trajetórias históricas das comunidades negras, das comunidades afro diaspóricas que a história da ciência despreza. (EVARISTO, 2021).

A oralidade das trajetórias de vida, entendidas nesse contexto como textos completos que são lidos dentro da perspectiva da ‘Escrevivências’ (EVARISTO, 2008), termo utilizado pela escritora que representa um processo de registro dos momentos vividos, além de ato político, é uma ação decolonial, pois “quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o

⁵ O Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Foi criado em 1959 e tem por interesse premiar pessoas que se destacam em cada ano como: autores/as, editores/as, ilustradores/as, gráficos/as e livreiros/as.

escritora/escritor, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019, p. 28). Nesse sentido, narrar as experiências vividas para a população negra parece ser a materialização, inscritas e escritas por meio da oralidade, dos atravessamentos de um corpo que é sujeito de sua própria história.

Nesse sentido, a escre(vivência) para pesquisadoras/es negras/os pode ser uma rota de fuga para a academia por possibilitar a produção de conhecimento validado e a inserção de saberes ditos subalternizados num espaço de dimensão epistêmica do poder. E, ao mesmo tempo, esse processo de escre(viver) não se desvencilha totalmente da subjetividade de sua/seu criadora ou criador e pode ser uma rota de fuga da academia. Para Evaristo (2008), essa constatação é óbvia, pois o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de geração espontânea. O texto tem autoria, um sujeito com uma subjetividade própria vai tecendo sua escrita e inventando o seu ponto de vista. (EVARISTO, 2008, p 17).

A partir dessas premissas, este artigo tem por objetivo analisar a relação das trajetórias de vida de pesquisadoras/es negras/os participantes do podcast ‘Papo de Lazer com Angela Bretas’ com a sua formação e atuação no campo dos Estudos do Lazer. Para isso, utilizamos como metodologia o levantamento dos episódios que tiveram participantes negras e negros, sendo, portanto, as entrevistas de: Adriano Gonçalves da Silva, Angela Brêtas, Cristiano Neves da Rosa, Denise Rosa, Elisângela Chaves, Georgino Jorge de Souza Neto, Iara Félix Pires Viana, Maria Cristina Rosa, Marie Luce Tavares, Lucilene Alencar das Dores, Romilson Augusto dos Santos. Em seguida, fizemos a escuta dos episódios e a transcrição dos trechos em que as/os participantes narraram experiências de vida em que a questão racial estivesse presente. Organizamos os dados em três categorias: tornar-se negra/o, experiências de vida que marcam a construção da identidade; negritude, formação e atuação profissional, trajetórias formativas marcadas pela racialidade; negritude e lazer, vivências de lazer que se relacionam com as questões raciais. Para análise dos dados, optamos em realizar um diálogo com autoras/es negras/os como forma de dar visibilidade a esses referenciais no campo dos Estudos do Lazer.

Tornar-se e ser negra/o: negritudes e seus sentidos

Pensar a negritude é pensar sobre um viés plural e amplo, conceito que busca enaltecer e evidenciar de forma valorosa, representativa e educacional em diversos contextos sociais de sujeitos, as negras e negros. Consiste em um movimento que se apresenta no campo artístico, cultural, educacional, político e outros demais campos em que as culturas negras, invisibilizadas por conta de valores eurocêntricos, passam a receber valor, protagonizando-se. Isso é, uma

nova maneira de olhar para as produções e formas de resistências das negras e negros.

Muitas podem ser as potências ideológicas da negritude, podendo ser pensadas como categorias que valorizam a identidade, reconhecem as culturas negras em nossa sociedade, as lutas e as estratégias antirracistas, o empoderamento e dentre outras que seguem essa mesma linha de pensamento, que são balizadas pela resistência étnico-racial.

Buscando compreender o termo negritude, tomamos como embasamento Kabengele Munanga (2012), que disserta que a negritude não pode ser conceituada de forma simplista. Devemos considerar vários eventos em nossa sociedade que contribuem para uma tomada de consciência sobre as diferenciações que transcendem as diferenças da pigmentação da pele de negras/os e brancas/as.

[...] A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. [...] (MUNANGA, 2012, p. 12).

Diante do exposto, podemos entender que negritude, também é reconhecer suas origens, sua identidade étnico-racial e suas potências culturais. Entre as narrativas das/os entrevistadas/os, temos a autoafirmação étnico-racial, como uma ação de empoderamento, em relatos que mostram e definem seu local de fala como negras e negros. Esse posicionamento demarca uma conquista.

Outro ponto que merece atenção são as identidades para além do campo acadêmico, contextualizadas nas falas de Romilson Augusto dos Santos e Iara Félix Pires Viana, que ao falar sobre si, além da identidade racial, também apresentam suas crenças em divindades de matriz afro-brasileira. Romilson apresenta-se como filho de Xangô, e semelhante à divindade, suas ações são inerentes à justiça social e étnico-racial. Já Iara demarca outros marcadores identitários, tais como em sua fala:

Eu sou uma mulher negra, periférica, pesquisadora, feminista, sou lésbica, sou candomblecista e sou filha de Oxalá. (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS., 2021c, n.p.)

Também chamou a nossa atenção nas escutas e análises dos podcasts, as resistências para o tornar-se negra/o e manter-se negra/o em uma sociedade em que a condição negra é

subvalorizada. Romilson conta que no processo de tornar-se professor, mesmo estando no estado da Bahia onde a maioria da população é negra, ele foi o segundo negro a adentrar o ensino superior como professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mas um fato que merece atenção, é que mesmo com as competências acadêmicas necessárias, o professor sempre teve de usar estratégias para resistir ao racismo acadêmico presente em nosso país, como o caso em que ele cita:

Então eu fui aconselhado a tirar o brinco na sala do concurso e nem entrar com a camisa curta. Porque isso poderia impactar na minha nota, para você ter ideia de como a universidade teve esse comportamento ((PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÉTAS, 2021a, n.p.).

Em outra entrevista, em caso similar, a Professora Iara, após tomar posse em um cargo público, na rede estadual, demonstra seu percurso até o atual cargo e como foi o empenho para assumir um posto no qual vem tematizando as questões étnico-raciais.

Com essa sede, esse desejo, essa participação em reuniões, eu acho que eu era muito proativa eu fui convidada nesse primeiro ano de concurso a assumir a superintendência de modalidade e temáticas especiais, que é uma superintendência, que cuida das escolas do campo, escolas indígenas, escolas especiais e a EJA, que no caso é a escola de jovens e adultos (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÉTAS, 2021c, n.p.).

Ambos os casos são exemplos de situações que exigiram comportamentos que desconsideram a condição humana das pessoas negras. No caso da professora Iara, o estar com sede e desejo revela a compreensão de que é necessário ser tão boa no serviço ao ponto de não deixar questionamentos sobre suas competências. O professor Romilson, por sua vez, tem sua entrada na universidade como professor contextualizada em um momento em que a negritude e a manifestação de ações afirmativas eram pouco tratadas no meio acadêmico. A ação tomada por ele foi uma forma de ganhar espaço e lutar pela negritude.

Nesse sentido, Neusa Santos Souza, na obra “Tornar-se negro”, busca evidenciar trajetórias individuais de negras, ressaltando os limites e potências de suas afirmações étnico-raciais. Neusa nos apresenta um conceito que é intitulado como “perder a cor”. O que chama muito atenção, porque “significa para o indivíduo, uma sujeição completa ao imperativo racista. Aqui, pelo menos dois processos psíquicos de alteração do pensamento devem ser assinalados” (SOUZA, 2021, p. 22). Em síntese, representa que em meio a tantas dificuldades encontradas por pessoas negras, algumas como forma de sobrevivência ou ausência de elementos de resistência, elas apropriam-se do que é desejado e abstêm-se do que elas são.

Cabe ressaltar ainda, que existe uma metáfora usada por Frantz Fanon (2008), que faz referência ao título de sua obra “Pele negra, máscaras brancas”. Essa analogia segue a mesma linha de pensamento do conceito anteriormente apresentado, perda de cor. No caso de Fanon, as máscaras brancas são comportamentos e posicionamentos assumidos pelas negras e negros para sobreviver socialmente em uma cultura racista que não permite que a cultura negra seja evidenciada. O que não se limita ao contexto francês, mas pode ser observado em regiões e instituições que se originam e são controladas historicamente pelos colonizadores.

As trajetórias das pessoas negras entrevistadas no podcast reafirmam que, no Brasil, nascer com a pele preta, parda ou outras características do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organizam uma identidade negra, em si, como nos ensina Souza (2021). Segundo a autora, ser negra/o “é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração” (SOUZA, 2021, p.115). Assim, os processos vivenciados no contexto acadêmico e profissional por Adriano, Angela, Cristiano, Denise, Elisângela, Georgino, Iara, Maria Cristina, Marie, Lucilene, Romilson, como vivenciam outras pessoas negras, asseguram que ser negra/o não é uma condição dada, mas um vir a ser. Ser negro/a é tornar-se negro/a.

Formações e atuações em lazer: abrindo os caminhos para que a gente possa melhorar o mundo

As trajetórias narradas pelas pessoas negras entrevistadas no podcast se dão em diferentes tempos e contextos sociais e políticos. As formações em nível de graduação aconteceram, em alguns casos, na década de 1980 e 1990, em outros, na primeira década dos anos 2000, convivendo com distintas realidades nas políticas educacionais. Tais formações foram ofertadas por universidades públicas ou privadas dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul. No entanto, apesar das especificidades, seus percursos pessoais e profissionais apresentam aproximações que ora são marcadas pelas características do campo de Estudos do Lazer no Brasil, ora estão relacionadas aos enfrentamentos da negritude nesse país.

Ainda que o campo de Estudos do Lazer venha se consolidando como uma área multidisciplinar, a Educação Física está fortemente ligada à sua constituição no Brasil. No caso das 11 pessoas negras entrevistadas, dez têm graduação em Educação Física e uma em Geografia. Contudo, os percursos em nível de pós-graduação revelam maior diversidade de

áreas e temáticas de estudo, prevalecendo os mestrados e doutorados em Estudos do Lazer, Educação, Educação Física e Ciências Sociais.

Além disso, as trajetórias das/os profissionais negras/os demonstram estarem atravessadas por questões de raça/etnia, assim como de gênero, orientação sexual, religião e classe social. Os percursos dessas pessoas deparam, como aponta Sueli Carneiro (2020), com o patriarcalismo que estabelece como natural a hegemonia do sexo masculino, o elitismo classista determinado por modos de produção que instituem classes minoritárias abastadas que exploram maiorias despossuídas, a homofobia decorrente da imposição da heterossexualidade como forma exclusiva de relacionamento afetivo e sexual, o fundamentalismo religioso como fonte de intolerância, e o racismo que ao eleger um grupo racial como superior, cria variadas formas de opressão e silenciamento vivenciadas pelas pessoas negras.

Considerando esses atravessamentos, a interseção entre as questões raciais e sociais se evidencia nas entrevistas do podcast quando são relatados os fluxos seguidos desde a convivência familiar até o acesso à universidade. A maioria das pessoas negras entrevistadas descreve o início de suas trajetórias de vida a partir da pobreza, da vivência periférica, da presença de analfabetos na família e do trabalho na juventude como uma necessidade para a sobrevivência. Conseqüentemente, “agarrar as oportunidades” que se apresentam tornou-se um imperativo de suas trajetórias. A professora Angela Brêtas, denomina esse conjunto de vivências de “traços marcantes das trajetórias de quem vem da base” (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS 2022b, n.p.).

Entre as oportunidades a serem agarradas, a universidade teve um papel fundamental nos percursos dos/as profissionais entrevistadas/os, muitas vezes, porque a educação se apresentava como foco, seja por ser um exemplo familiar ou por ser a possibilidade de iniciar uma história da relação das famílias com o ensino superior. Contraditoriamente, essa mesma universidade que se apresentou como oportunidade, também mostrou uma face segregadora. As/os entrevistadas/os vivenciaram a experiência racial universitária de distintas formas, mas estavam, certamente, entre as/os poucas/os negras/os naquele espaço. O Professor Romilson, em sua vivência na Universidade Federal da Bahia, destaca que o acesso à universidade, na década de 1970 e 1980, era muito mais voltado à elite branca baiana (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2021a, n.p.).

Os cursos de graduação das/os entrevistadas/os foram realizados antes de 2012, evidenciando uma vivência da universidade, sobretudo a pública, como espaço destinado a um grupo privilegiado da sociedade: estudantes de escolas particulares, brancos e ricos. Ainda que a desigualdade e a discriminação racial tenham acompanhado a história de nosso país, essas

questões, por um longo período, não tiveram lugar na agenda de políticas públicas. A aprovação da Lei 12.711/2012 ou Lei de Cotas mudou o perfil dos/as ingressantes em universidades públicas e institutos federais, buscando democratizar o ensino superior público. Apesar de não ser suficiente para tratar todas as deficiências do cenário educacional, a Lei de Cotas se apresenta como um mecanismo capaz de mitigar as desigualdades para o ingresso no ensino superior (FERREIRA *et al.*, 2020).

Dessa forma, os percursos das/os entrevistadas/os perpassam diferentes momentos com relação à presença de pessoas negras na universidade, assim como da temática da negritude. O encontro com o racismo epistêmico se mostrou a partir da inquietação com discursos que naturalizam ou silenciam as opressões. Como exemplo, o professor Cristiano percebeu nos resultados de uma pesquisa etnográfica, realizada durante a graduação em Educação Física, que crianças e jovens negras e negros vivenciavam as atividades de lazer de maneira desigual em relação às pessoas brancas. Às crianças pretas e pobres eram destinadas estratégias de regulação do lazer, tendo por base discursos que ligavam essas crianças à violência (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022b, n.p.). Em outros casos, o racismo epistêmico se fez presente na abordagem utilizada nos estudos realizados pelas/os entrevistadas/os, como a professora Maria Cristina que diz ter sido advertida pela banca, em sua qualificação de doutorado, de que ao estudar os divertimentos na Comarca de Vila Rica no século 18, embora falasse das pessoas escravizadas, não evidenciava que estava estudando a negritude (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022d, n.p.).

Diante desse contexto, as alternativas epistêmicas se constituíram a partir da tomada de consciência pelos sujeitos-corpos negros politicamente colocados. Nesse sentido, a professora Elisângela destaca como o encontro com a própria negritude tornou-se oportunidade de compreender como as questões raciais perpassavam sua trajetória de formação na Educação Física, na dança e no lazer (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022c, n.p.). Essa compreensão da articulação entre os processos de perceber-se e perceber o mundo nos aproxima da perspectiva *ubuntu*, na qual a formação é entendida como um “processo de humanização, tornar humano, tornar pessoa...” (NASCIMENTO, 2020, p. 48).

Os processos de humanização que foram sendo desenhados pelas/os profissionais entrevistadas/os destacaram encontros diversos com pessoas, referências pessoais-profissionais, que foram imprescindíveis em suas trajetórias, muitas vezes, professoras e professores. A formação se estabelece, assim, numa perspectiva solidária e coletiva que enfrenta as contradições e tensões da humanidade (NASCIMENTO, 2020). Nesse sentido, foram também destacadas as conexões que as/os entrevistadas/os estabeleceram a partir de seus

processos de identificação, aquilombando-se e buscando estar do lado dos seus, como disse o professor Georgino (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022a, n.p.) ou, como Denise, participando de coletivos focados no desenvolvimento dos irmãos pretos e pretas (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022e, n.p.).

Uma formação assim pensada e vivida possibilita que a produção de conhecimento e a atuação profissional sejam atravessadas por compreensões de saber que se distanciam do conhecimento-regulação em que a/o cientista se afasta do mundo para escrever sobre ele. A produção do conhecimento-emancipação, por outro lado, compreende que o ato de conhecer está relacionado ao saber e ao sujeito que sabe, onde a teoria e a experiência na prática são formas diferentes de viver e de sistematizar esse conhecimento de mundo (GOMES, 2017).

Assim, a formação que se dá no contexto acadêmico e das vivências dos sujeitos-corpos negros, perpassando o reconhecimento da negritude e as experiências de lazer, proporciona às/aos profissionais entrevistadas/os uma atuação politicamente engajada. Nesse contexto, o professor Romilson faz referência à sua relação com Xangô e a busca pela justiça social e a equidade étnico-racial. Em suas palavras, “Romilson, ao mesmo tempo que é uma pessoa alegre e divertida, na hora certa ele puxa o seu machado de Xangô e vem juntamente com Oxóssi, abrindo os caminhos para que a gente possa melhorar o mundo” (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2021a, n.p.). Essa noção de atuação se aproxima da ética que deriva da abordagem *ubuntu*, como postura de responsabilidade com a totalidade da humanidade que habita em cada um dos existentes humanos, como “reconhecimento de que se há algo que precariza a vida de uma só pessoa, pode precarizar também a totalidade da humanidade” (NASCIMENTO, 2020, p. 49).

É nesse sentido que o professor Cristiano coloca sua atividade acadêmica como opção política, como forma de poder oferecer sua parcela de contribuição social. Entendendo-se como resultado das oportunidades que encontrou, o professor compreende a importância de direcionar suas pesquisas sociais, assim com o ensino na escola e na universidade, à construção de uma sociedade mais justa. E de uma forma geral, o ato de empunhar o machado de Xangô em busca de equidade étnico-racial perpassa a atuação das/os profissionais entrevistadas/os. Esses movimentos estão presentes no empenho por uma educação antirracista da professora Elisângela, no posicionamento como sujeito-corpo negro em sala de aula do professor Adriano ou no trabalho da professora Angela com a extensão como forma de conexão com as comunidades.

Tais trajetórias envolvidas em processos de se formar coletivamente, compreender a si mesmo e reinventar o mundo compõem formas de produzir conhecimento e atuar no campo do

lazer que questionam o lugar da negritude e seus atravessamentos. A pesquisa de Cristiano coloca em evidência a ausência das práticas corporais de origem indígena e africana nas políticas públicas de esporte e lazer (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022b, n.p.). Lucilene e Lara propõem a construção de novas epistemologias, considerando o feminismo negro e a relação com as artes (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2021b, n.p.) e com os bailes funk (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2021c, n.p.). Georgino evidencia a necessidade de se refletir e resistir ao processo de assepsia no futebol com o embranquecimento das torcidas nos estádios (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022a, n.p.). Lucilene e Adriano buscam trazer à luz problematizações sobre o lazer da população negra no Brasil (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022g, n.p.). Assim como Marie Luce, que por meio da vivência dos atravessamentos de gênero e raça em seu corpo, propõe um grupo de pesquisa que estuda as relações de gênero, raça, etnia e sexualidade (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2021d, n.p.).

Dessa forma, se as pesquisas no campo de Estudos do Lazer se colocam como espaço para os questionamentos das práticas e dos silenciamentos, bem como para a construção de novos conhecimentos-emancipação sobre o lazer, a atuação profissional destacada pelas/os profissionais entrevistadas/os evidencia a emergência da consideração do lazer a partir da perspectiva da raça/etnia. O lazer racializado, o lazer como resistência e o lazer envolvido no processo de educação antirracista estão entre as formas propostas de se pensar e vivenciar o lazer. Na sua atuação profissional no Serviço Social da Indústria (SESI), Denise busca racializar as ações, aproximando o pensamento preto da organização das práticas corporais e integrando as existências das pessoas pretas (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022e, n.p.). Cristiano compreende ser importante considerar na atuação profissional em lazer, um processo de educação antirracista e de equidade étnico-racial. Assim como Romilson, Lucilene e Elisângela destacam a importância da vivência do lazer como forma de resistência do povo preto e da cultura afro-brasileira.

Vivendo a negritude, vivenciando o lazer

O lazer atravessa as trajetórias de nosso grupo focal. É necessário destacarmos que as vivências dessas pessoas são atravessadas pela camada da raça durante seus espaços de lazer e esse fato fica evidente nas narrativas apresentadas no podcast. Essas análises são aqui realizadas com a compreensão de que nossa perspectiva não traduz os sentimentos percebidos pelas/os entrevistadas/os, porém, buscamos perceber essa relação por meio de suas trajetórias.

Denise (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022e, n.p.) começa sua discussão indicando como o esporte fez parte da sua vida desde a infância e a importância que teve, e ainda tem, durante sua vida. Inclusive foi na prática do basquete que despertou a vontade de cursar Educação Física. A entrevistada indicou o impacto que o professor desse projeto teve em sua vida, ao passo que era um negro retinto e conseguiu construir um sentimento de comunidade para aquelas/es que faziam parte do projeto.

A convidada narra como a reflexão sobre a importância do lazer em sua vida a fez perceber a necessidade de gerenciar melhor o tempo dedicado ao lazer. Essa reflexão trouxe à tona a consciência de como a mentalidade focada na produtividade do trabalho interferiu na sua percepção inicial, levando-a a acreditar que estava desperdiçando tempo ao destiná-lo ao lazer. Nesse ponto, traz uma reflexão latente no campo sobre a separação dos tempos sociais onde parte das/os pesquisadoras/es indicaram que o lazer será fruído em momentos de não trabalho, (DUMAZEDIER, 1973). Atualmente, Denise é ultramaratonista, compartilhando a evolução na corrida, começando em distâncias menores até o atual status. Nesse sentido, nos indica uma potência ao trazer que seu axé está na corrida. Além disso, cabe destacar que utiliza o conceito de lazer sério cunhado por Stebbins (2014) ao narrar essa experiência, reforçando sua concepção de lazer e a prática da corrida.

Também podemos destacar que a prática do lazer por meio da bicicleta é uma parte essencial da vida de Lucilene (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2021b, n.p.), que aponta como tal atividade molda sua personalidade, especialmente considerando sua identidade como mulher negra. Mesmo durante esses momentos de lazer, a questão racial se faz presente em sua experiência, entrelaçada com questões de gênero, e essa relação ecoa em seus estudos sobre o lazer.

A barreira enfrentada pela corporeidade das pessoas negras ficou evidente na entrevista com Elisangela (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022c, n.p.), quando ela nos conta que, em sua trajetória pessoal, foi impedida de praticar balé devido às características étnicas de seu corpo, como os quadris largos. Ela compartilha como a dança afro foi uma experiência enriquecedora em sua vida, dada a presença de aspectos comunitários nesse ambiente, inclusive como a percepção de seu corpo foi aceita em determinadas modalidades, como o jazz.

No caso do episódio de Georgino Neto (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022a, n.p.), existe uma discussão sensível e necessária de fazermos ao escutarmos sua narrativa. Ao dedicar seu tempo ao desenvolvimento de sua arte e do museu/centro cultural em memória de seu pai, nos indica um movimento que mescla trabalho e lazer. Em nossa perspectiva, a entrevista reflete uma fruição do lazer em que não é possível separar claramente

o trabalho do lazer. Durante a escuta, é notório seu orgulho, força e vontade nas tarefas que dialogam diretamente com sua ancestralidade, o que revisita a outra faceta da discussão sobre lazer e trabalho. Dependendo do olhar, as ações empreendidas por Neto poderiam ser consideradas trabalho, enquanto outras o contrário. Nesse contexto, consideramos a perspectiva de Gomes (2014), que apresenta o lazer com um caráter mais fluido, permitindo que o indivíduo caracterize o que considera ou não lazer a partir de suas práticas culturais, sem os limites rígidos das marcações socio-temporais.

Angela Brêtas, já no início de sua narrativa, nos apresenta como o carnaval atravessa sua vida e de seus familiares, inclusive na ligação com a forma que vivenciam o carnaval, em um momento de fruição do lazer e potencialidade de desenvolvimento afetivo comunitário. A professora narra que “a gente é pobre, mas está aí no Carnaval, só não pode chover, pois, a fantasia é de crepom” (PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS, 2022f, n.p.). Durante o compartilhamento de sua experiência, apresenta como o carnaval é um espaço para construção de sociabilidades e transmissão cultural. Sua família tem uma história ligada à Portela, escola de samba do Rio de Janeiro, principalmente pela participação do pai na construção da escola. Além disso, o cinema é parte da sua vivência, desde sua juventude e narra como essa é uma experiência que a deixa feliz.

Em nossa perspectiva, as/os autoras/es apresentadas/as deixam evidente que a expressão da negritude é uma presença marcante nos momentos de lazer que desfrutam. Isso se aplica tanto a ambientes de lazer com predominância de participantes negras/os, quanto ao cenário oposto. Nesse contexto, é notável como esse aspecto exerceu influência significativa nas trajetórias das/os entrevistadas/os. A cor da pele emerge como um elemento constante e impactante nas vivências de lazer desses indivíduos, moldando suas experiências de maneira profunda e sensível, de modo que as pessoas negras sempre terão as discussões que envolvem seu corpo, em todos os elementos, como parte de seu lazer.

Percepções finais que sinalizam para novos começos

O projeto curricular acadêmico orquestrado pela colonialidade do saber vem experimentando novas cores, histórias e sentidos com a presença de pesquisadoras/es negras/os nos últimos anos, especialmente a partir da lei 12.711/2012, que abriu caminhos para que os saberes ditos subalternizados ganhassem espaços e status de conhecimento científico.

A persistência insubmissa dos corpos negros na academia vem permitindo, de fato, a construção de um projeto decolonial forjado para o reconhecimento das multiplicidades de vozes

e identidades que resistem à colonialidade do saber. Nesse sentido, as trajetórias de vida das pesquisadoras/es negras/os narradas no podcast revelam experiências racializadas inscritas na produção do conhecimento do campo dos Estudos do Lazer enquanto um caminho reflexivo de desvendar silêncios para ecoar liberdades.

Podemos perceber que o podcast é um ambiente virtual de encontro e de visibilidade das vozes dissidentes da academia. A condução e o acolhimento de Angela, mulher negra que vivencia sua negritude, consolidou o podcast como um lugar de proteção e fortalecimento, características que são valorizadas pelas pessoas negras. Nesse sentido, compreendemos esse movimento como uma proposta de aquilombamento, por apresentar “aspectos positivos como reforço de uma identidade histórica brasileira”, como nos ensina Beatriz Nascimento (2006, p. 123). O Papo de Lazer é um quilombo, local coletivo de proteção e de luta em meio a um país sufocado sob forte repressão, o que impulsionou trajetórias de vida de pesquisadores/as que buscassem movimentos de autoafirmação étnica-racial e de recuperação da sua identidade cultural negra.

Diante disso, entendemos que as trajetórias das/os pesquisadoras/es negras/os reafirmam o compromisso com o resgate das histórias e culturas silenciadas e invisibilizadas na academia; apresentam os processos de construção de subjetividades do tornar-se negra/o de profissionais que incorporam suas experiências de vida no campo dos Estudos do Lazer; denunciam a existência do racismo epistêmico como dívida que necessita de tratamento político e responsável com a história da população negra brasileira e anunciam que “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007).

REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Edmur.; MELO, Vitor. Andrade. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.

DORES, Lucilene Alencar; SILVA, Adriano Gonçalves; RAMOS, Danilo da Silva; STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Helder Ferreira. Rompendo os silêncios sobre o lazer da população negra no Brasil. **Licere**. Belo Horizonte, v.24, n.4, dez/2021.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

DE DEUS, Valesca Silva. Um podcast antirracista e gaúcho produzido por uma mulher negra. **Expressa Extensão**, v. 28, n. 2, p. 218-223, 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Roda Viva**. São Paulo: Youtube, 2021. 1 vídeo (1 hora, trinta e sete minutos e dois segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk&t=905s>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, André; CORRÊA, Raquel de Souza; GALANTINI, Thamires Domingues Paredes; ABDALLA, Márcio Moutinho. Ações afirmativas: análise comparativa do desempenho entre cotistas e não cotistas em uma universidade pública. **RBPAE**, v. 36, n. 3, p. 1297 - 1314, set./dez. 2020.

GOMES, Christianne. Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p.3–20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 1 ago. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas de emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. p. 117-125.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Entre apostas e heranças**: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÉTAS. [Locução de]: ANGELA BRÉTAS Rio de Janeiro: Spotify, 09 mai. 2021a. *Podcast*. **Etnografia, aprendendo com o sujeito e o observatório do etnolazer**. Romilson Augusto dos Santos. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3QBhZiR3YJfx6gCTrEKbUT?si=Edwdlmg2Rwm_xRGAhRv20A. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 16 mai. 2021b. *Podcast*. **Lazer como resistência e a negritude do sujeito, no lazer na vida.** Lucilene Alencar das Dores. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1QfJGGDSnCNDfolJXPpKqM?si=cIO-DMlqTTCMIb2n49SniA>. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 25 jul. 2021c. *Podcast*. **Baile funk, empoderamento feminino negro, sororidade e territórios.** Iara Félix Pires Viana. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4fxcQh4iA4L1cMOW2hq73B?si=NrEfA8TSTW2xpCUe2pSIMA>. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 21 nov. 2021d. *Podcast*. **Encontros inesperados e improváveis na luta antirracista e antessexista.** Marie Luce Tavares. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3hOD2XCnv8qevzSvLRNjMz?si=Dn16GWvFSn6Mfc3_QD5zf_w. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 16 jan. 2022a. *Podcast*. **Futebol mineiro, torcida preta, poesia e família.** Georgino Jorge de Souza Neto. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5meZl69EOhg8wBLtaluvJt?si=t23-kb2kQLKHfajZA39Rw>. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 13 fev. 2022b. *Podcast*. **O lugar e o não lugar do lazer negro e pobre.** Cristiano Neves da Rosa. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/48XhUzsWkKEUnLQwLPfz3Y?si=qML28O8KQIClvCxQUvFtCA>. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 27 mar. 2022c. *Podcast*. **Dança e lazer, ferramentas de inclusão social e luta antirracista.** ElisAngela Chaves. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2sXPhwF5UKRcKKNIEgxk0?si=OyHjkq5dTDWFEeu5KkjLg>. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 5 jun. 2022d. *Podcast*. **Lazer, história, preconceito.** Maria Cristina Rosa. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0LeBYfkISjmq1AaQTffq?si=oudIn-RLT4e8kbi64fhFNQ>. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 24 jul. 2022e. *Podcast*. **Lazer racializado, luta, produz, vive.** Denise Rosa. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4UD3yKNEsBNRCPGTGKxnr6?si=kYacZeo5QByVXZ7BY6wih_A. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 16 nov. 2022f. *Podcast*. **É ela!** Angela Brêtas. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/6Mt5TOnkVOMR7QVvklh32N?si=aNlltOoHT3yM_rNOM2OM2g. Acesso em 30 jul. 2023.

PAPO DE LAZER COM ANGELA BRÊTAS. [Locução de]: ANGELA BRÊTAS Rio de Janeiro: Spotify, 11 dez. 2022g. *Podcast*. **Identidade, lazer, religião, decolonialismo em Aveiro, NePGRES e Oricolé.** Adriano Gonçalves da Silva. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6HeoO0ktuzYYP9c6KjqzDn?si=l2Mdl1QTR1O65QTCbLHeJA>. Acesso em 30 jul. 2023.

RESTREPO, Eduardo.; ROJAS, Alex. **Inflexión decolonial:** fuentes, conceptos y cuestionamientos. Colômbia: Universidad del Cauca, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

STEBBINS, Robert A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p.42–56, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/433>. Acesso em: 5 ago. 2023.

NOTA DOS AUTORES

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Contribuição dos autores

A.G.S. participou da concepção do projeto de pesquisa, planejamento, levantamento e interpretação dos dados, redação e revisão intelectual crítica do texto. L.A.D participou da concepção do projeto de pesquisa, planejamento, levantamento e interpretação dos dados, redação e revisão intelectual crítica do texto. A.A.S participou do planejamento, levantamento e interpretação dos dados, redação e revisão intelectual crítica do texto.

Endereço para correspondência

Rua Raymundo Mattoso, 900, Bairro Santa Rita.
Curvelo/MG, CEP: 35790-636.

Rua José Barra do Nascimento, 222. Eldorado.
Contagem/MG. CEP: 32315-020

Rua Amsterdam, 14, Jardim Europa.
Lavras/MG. CEP: 37200-520.

Submissão: 15/08/2023

Aceite: 26/11/2023